

Urbanismo e Arquitetura

Quase na sua totalidade os urbanistas que apresentaram planos para a cidade de Brasília se deixaram empolgar – aliás, era de prever – pela ciência de construir cidades, essa ciência sedutora e quase romântica onde cabem especulações de naturezas diversas, investigações e consultas as mais complexas, todas visando a instalar uma coletividade na sua preservação e bem-estar. Quem tenha se detido alguma vez no exame epistemológico da ciência urbanística ou, de maneira mais geral, da “ciência das formações coletivas”, que abrange desde a teoria abstrata dos conjuntos até a evolução das sociedades no seu devir, chegará à conclusão: planejar uma cidade é esforço ingente que supera mesmo a capacidade de toda uma geração, quanto mais a de um simples indivíduo portador de um título de arquiteto. Apesar disso, as tentativas nesse sentido são sedutoras e atraentes. Quem não se sente atingido de viva curiosidade, ao folhear um livro de urbanismo, pelas transformações por que passaram as cidades? Quem, por acaso, estudando a razão dessas transformações, não se deixa fascinar pela idéia de descobrir uma lei que, traduzida numa fórmula, fosse nos dar o estado atual de uma cidade e o seu conseqüente prolongamento no futuro? Colocado o problema em termos rigorosos e exatos, isso seria definir uma função de conjunto da mais vertiginosa complexidade. Colocá-la no plano das soluções aproximadas exige uma contenção de arroubos cientificistas e, sobretudo, o pensamento de que não se pode impor às gerações futuras, cujo estilo de vida, nível cultural, orientação psicológica não se conhecem, a maneira de sentir e pensar da geração atual; e acresce ainda ter na lembrança que a maioria das cidades planificadas o foram, historicamente, em regime de colonização.

Das obras expostas as que mais revelam esse fascínio pela ciência urbanística são, sem dúvida, as de M.M.M. Roberto e Rino Levi e seus colaboradores; com efeito, estes arquitetos se empenharam, dedicadamente, com o auxílio da estatística, da climatologia, da história, da sociologia – não recorreram à topologia combinatória – em procurar o plano de desenvolvimento no tempo, de Brasília, futura capital do país. Os seus projetos são belos, indiscutivelmente bem feitos, mas como obra de cultura e de engenho humano, sem nenhuma espontânea capacidade de realização no espaço e no tempo. São dessas obras ideais que o espírito humano não se cansa de fornecer e sugerir em todas as épocas e latitudes. Mas, se por um lado são louváveis os esforços desses profissionais na pesquisa e na investigação, por outro lhes faltou a necessária disciplina para soffrear o entusiasmo que produzem as especulações desse gênero, para conter o alumbramento que traz a visão interior de uma cidade no seu esplendor e majestade. Faltou-lhes bom senso e modéstia, e ainda respeito pelo sentir e pensar dos que hão de viver na futura cidade.

Bom senso que sobrou no velho mestre Lúcio Costa; para ele as cidades continuam a nascer como sempre nasceram: à margem dos caminhos; os caminhos antigos, ásperos e difíceis, por onde passaram as legiões gregas e romanas, os caminhos menos belicosos das peregrinações da Idade Média, os nossos caminhos brasileiros, da aventura e da ousadia de sertanistas e bandeirantes. Brasília também surgirá de um caminho, o mais livre e arejado caminho das rotas aéreas, começará com linhas simples e bem orientadas das pistas de um aeroporto.

Na sua exposição, já tão louvada pelo apuro da linguagem, explica o grande arquiteto como “nasceu, se definiu e resolveu a sua solução”:

“– Nasceu do gosto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse; dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.

“2 – Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que definiu a área urbanizada”.

Brasília nasceu, assim, no seu espírito, como têm nascido na realidade muitas cidades, de uma posse, de um pouso, de uma parada para descanso ou orientação: desenvolveu-se depois, se adaptando à região e se embevecendo do seu dia, da sua noite, das suas águas futuras, das suas árvores vindouras.

Brasília nasceu de duas linhas cruzadas, nasceu numa encruzilhada.

Duas linhas cruzadas, duas direções, quatro sentidos, quatro pontos cardeais; duas linhas cruzadas: um aperto de mão, um signo de paz, de compreensão, de cordialidade entre os homens.

1957